

**A EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO CONTEXTO DA OLIMPIADA NACIONAL
EM HISTÓRIA DO BRASIL, COMO AMBIENTE DIGITAL DE
APRENDIZAGEM ATIVA, COLABORATIVA, ESPAÇO DE FORMAÇÃO
DOCENTE E DE DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO**

André Vinícius Bezerra Magalhães
PPGEH / UFRN
andrev@7setembro.com.br

O presente artigo tem sua origem relacionada a questões empíricas vivenciadas no cotidiano das salas de aula da Educação Básica e seus elementos motivadores estão intrinsecamente ligados às preocupações de um professor de História que enxerga a sala de aula como um espaço privilegiado para a produção de conhecimento e não apenas para simples reprodução via transposição didática das pesquisas produzidas no contexto universitário. Nesse sentido, concordamos com SILVA (2019, p. 50) quando ela afirma que a escola não pode ser compreendida como um simples ambiente de recepção de um conhecimento produzido nas universidades, tampouco o papel do professor de História pode ser reduzido ao de transmissor desse conhecimento.

Portanto, compreendemos que o Ensino de História no contexto escolar, precisa assumir seu papel de protagonismo e contribuir, dentro das especificidades do ambiente da Educação Básica, para a promoção de reflexões complexas, para a produção de um conhecimento significativo, crítico e de relevância social. Logo, as práticas de ensino de História devem propor a superação da tradicional e enfadonha exposição de relatos históricos, comumente centradas na figura do professor e pautadas em narrativas herméticas que pouco estimulam nos estudantes a reflexão acerca dos processos de produção do conhecimento histórico. Esse modelo de aula por nós descrito é o que BARCA (2004) denominou de Aula Conferência, e cujo principal suporte é, na maioria das vezes, um livro didático impresso, escrito em linguagem formal e pouco estimulante, através do qual o estudante se depara com narrativas históricas prontas e acabadas acerca das quais ele não se sente cognitivamente desafiado a refletir, não é estimulado a questionar o conhecimento histórico nelas contido, nem a levantar hipóteses acerca da temática discutida e dos conceitos substantivos ou de segunda ordem que com ele se articulam. Esse modelo de Aula Conferência, “(...) baseia-se numa lógica do professor como detentor do verdadeiro conhecimento, cabendo aos alunos, por normas e

catalogadas como seres que “não sabem nada”, “não pensam”, receber as mensagens e regurgitá-las corretamente em teste escrito. BARCA (2014, p. 131). Logo, o que percebemos é um modelo de ensino/aprendizagem centrado na figura do professor, mediado pelas narrativas históricas, cristalizadas e herméticas, contidas em livros didáticos. Nessa metodologia o estudante tem seu papel no processo educativo limitado à condição de expectador, do qual se espera que, de modo passivo, apreenda o maior volume de informações possível e as reproduza em uma avaliação formal escrita.

Isto posto, e seguindo as ideias de PAGÈS e FERNÁNDEZ (2010, p. 284) acerca de quais devem ser os objetivos do ensino de História, defendemos que as aulas de História devam se propor a trabalhar de modo mais intenso a compreensão do tempo histórico e das categorias e conceitos estruturantes da ciência histórica, tais como: memória, patrimônio, permanências, rupturas, discontinuidades dentre outros. Logo, um importante papel da própria ciência histórica é oferecer à didática da História um modelo conceitual que permita ler, refletir e interpretar as narrativas históricas e o conhecimento histórico nelas contido. Essa talvez seja a maior contribuição da História, enquanto ciência, para o ensino de História, principalmente na Educação Básica.

Partindo da compreensão de que é preciso apostar no protagonismo dos estudantes como sujeitos históricos ativos na constituição de sua própria formação intelectual, começamos a buscar suporte teórico-metodológico que nos permitisse adotar estratégias que tornassem mais eficiente, estimulante e significativa a aprendizagem histórica no cotidiano das salas de aula. Foi nesse percurso que nos deparamos com as Metodologias Ativas e com a própria Educação Histórica, na busca por um modo de envolver cada vez mais os estudantes no processo de produção do seu próprio conhecimento, através do contato com a pesquisa, escrita e divulgação do conhecimento histórico, oportunizando aos discentes a possibilidade de conhecer e experienciar na prática os paradigmas epistemológicos da própria ciência histórica, seus métodos e técnicas de investigação, sua forma de escrita e seus modos de divulgação de conhecimento. Nessa perspectiva acompanhamos as ideias de BABEL (2011, p. 25) onde a autora afirma ser

(...) recorrente, entre os estudiosos de Educação das últimas décadas, a ideia de que já não bastam informações para que crianças, jovens e adultos possam,

com a contribuição da escola, participar de modo integrado e efetivo da vida em sociedade. Embora imprescindíveis, as informações em si teriam, quando apenas retidas ou memorizadas, um componente de reprodução, de manutenção do já existente, colocando os aprendizes na condição de expectadores do mundo.

Foi nesse ambiente de busca por metodologias ativas, que nos deparamos com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs. A escolha pelo caminho das TDICs está relacionada a algumas questões, que vão desde minha trajetória pessoal, marcada por uma formação técnica na área de tecnologia da informação, passando pela compreensão de que o trabalho com as TDICs pode resultar em poderosos instrumentos educacionais, principalmente quando realizado de modo planejado e consciente, mas sobretudo por entender como um dos importantes papéis da escola contribuir para o processo de Letramento Digital dessa juventude, como defendem LUCCHESI e MANARD (2019, p. 180). Portanto, é fundamental que as escolas estejam inseridas nesse processo, uma vez que o seu público é exatamente composto por estudantes que nasceram a partir do final dos anos de 1990, público esse, que já cresceu sob o signo que PREENSK (2012) identificou como Nativo Digital. Além do mais, a utilização das TDICs, inseridas em contextos educativos complexos e bem articulados, pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento da autonomia discente e no desenvolvimento de diversas outras habilidades absolutamente imprescindíveis no mundo contemporâneo, notadamente marcado por uma forte e impactante transição entre a cultura letrada e a cultura digital. Nesse sentido, estamos ressoando o que argumentou DUDENEY (2016), quando afirmou que os letramentos digitais são um conjunto de habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido de modo eficaz no âmbito crescente dos canais digitais de comunicação. A própria Base Nacional Curricular Comum Curricular – BNCC aponta dentre competências específicas do ensino de História que o estudante deve “produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos sociais” (BRASIL, 2018, p. 402).

Diante do cenário no qual estamos inseridos e, compreendemos que precisamos, enquanto educadores, contribuir não apenas com o processo de letramento digital dos jovens estudantes, mas sobretudo oportunizar um contato com as TDICs que seja capaz de contribuir para o aprendizado e conseqüentemente, para uma inserção social

competente, segura, e responsável desses estudantes no ciberespaço. É importante compreender que esse processo não se limita a estimular e oportunizar a utilização dos recursos tecnológicos, pois é fundamental sensibilizar docentes e discentes no sentido de enxergar as ferramentas tecnológicas para além de suas funções práticas e possibilidades de uso, os compreendendo como ambientes digitais de ensino/aprendizagem. Portanto, entendamos que acessar as diversas plataformas de mídia não significa necessariamente apenas ter acesso às tecnologias, mas sim compreender como utilizá-las, como filtrar conteúdo, como relativizar as informações encontradas, como analisar e confrontar fontes, como e o que publicar, dentre outras tantas outras habilidades e competências a serem desenvolvidas nesse percurso.

Foi diante de todas essas questões expostas até o presente momento, que ainda em 2009 quando estávamos em busca de metodologias de ensino/aprendizagem que possibilitassem um envolvimento mais efetivo dos alunos no estudo de História, que nos deparamos com a ONHB – Olimpíada Nacional em História do Brasil, um projeto de extensão universitária proposto pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, desenvolvido pelo Departamento de História daquela universidade, contando com participação de docentes, alunos de pós-graduação e de graduação. A ONHB é coordenada pelas professoras doutoras Cristina Meneguello, Alessandra Pedro e Raquel Gryszczenko, e atualmente faz parte do calendário nacional de olimpíadas científicas do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Passados onze anos da primeira edição, e tendo participado de todas as edições da ONHB, procuramos avaliar o modo como a referida experiência impactou nossa prática profissional, quais os legados deixados pelas vivências educativas propostas e experienciadas por alunos e professores. Particularmente, depois de retornar à universidade por ocasião do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória e impulsionado pelas leituras que fizemos acerca de diversas teorias relacionadas ao Ensino de História, passamos a compreender que a ONHB se constitui em bem mais do que uma Olimpíada Científica, mais que uma competição estudantil, mais que um ambiente no qual estudantes de todo o país põem a prova seus conhecimentos em História do Brasil e inclusive vai além de um poderoso instrumento educacional. A ONHB se constituiu em ambiente de reflexão sobre o próprio processo de ensino/aprendizagem de

História, como um espaço de formação docente e de divulgação de conhecimento histórico. A ONHB tem se constituído como um complexo ambiente digital de ensino-aprendizagem ativa e colaborativa, inserido no campo da Cognição Histórica nos quais se inserem a Didática e a Educação Histórica, cujas imensas possibilidades educativas têm provocado significativos impactos sociais e promovido uma verdadeira revolução no Ensino de História.

Este artigo se insere em um contexto social no qual observamos a intensificação do uso das tecnologias e de suas aplicações no cotidiano das pessoas em geral, inclusive no cotidiano dos profissionais de História, ante a esse novo escopo de trabalho que se apresenta aos professores/historiadores. É nesse contexto que percebemos a necessidade do desenvolvimento de habilidades e competências, exigidas para uma atuação eficiente na contemporaneidade. Diante desse verdadeiro arsenal de novas mídias, de novas formas de interação social, de ampliação da disponibilidade e dos tipos de fontes que as plataformas digitais proporcionam, surge também a necessidade de uma mudança no *mind set* desses profissionais.

Durante muito tempo os historiadores restringiram seu espaço de atuação à academia e divulgavam sua produção historiográfica basicamente através de suportes analógicos clássicos, tais como ensaios, artigos, dissertações, teses e livros, todos impressos e com ambiente de circulação restrito às universidades e demais ambientes acadêmicos, tais como congressos, simpósios, dentre outros. Logo, concluímos que a circularidade cultural do conhecimento histórico esteve durante muito tempo restrita e circunscrita a um universo letrado, erudito, intelectualizado e bastante hermético, com pouca repercussão fora da academia, ou seja, na maior parte do tempo os historiadores escrevem apenas para os seus pares.

Em resumo, a metodologia que estamos defendendo se propõe a levar conhecimento histórico produzido com rigor teórico metodológico, seguindo os pressupostos epistemológicos da ciência histórica, para dentro das salas de aula da Educação Básica. Pretendemos realizar essa experiência a partir de proposição de atividades educacionais nas quais os estudantes sejam sujeitos ativos da produção do próprio conhecimento e nas quais a utilização das TDICs se insiram como elemento de

dupla função, oportunizando a manipulação de documentos históricos e servindo como ambiente de experimentação dos desafios e práticas específicas dos ambientes digitais. Portanto, a em questão pretende tem por objetivo o desenvolvimento do que SILVA (2019, P. 16) chamou de Letramento Histórico Digital, um conceito híbrido formulado a partir dos conceitos de Literacia Histórica (BARCA, 2006) e de Letramento Digital (BRAGA, 2007).

Diante desse contexto, e dialogando com as demandas oriundas de uma sociedade na qual a informação tem se tornado cada vez mais livre e fluida, não admitindo exclusivismos pragmáticos pautados em argumentos de suposta autoridade intelectual, é que surge uma corrente historiográfica denominada História Pública. Em breves palavras, a chamada História Pública procura estabelecer um diálogo entre a produção acadêmica e não acadêmica do conhecimento histórico, visto que os lugares de produção de conhecimento histórico têm se multiplicado, ultrapassado os muros das universidades e, de tal modo, exigido um novo posicionamento dos historiadores diante de suas estratégias de produção e divulgação do saber histórico.

Durante conferência realizada por ocasião do 30º Simpósio Nacional de História, a professora MENEGUELLO iniciou uma discussão exatamente sobre esse cenário da dimensão pública do conhecimento histórico. Na ocasião, a professora defendia que o conhecimento histórico precisa se articular com as demandas sociais e de algum modo ultrapassar os muros da universidade, chegando até as pessoas se constituindo em importante ferramenta para leitura de mundo. Na ocasião, MENEGUELLO (2019) dizia: “A que(m) serve seu conhecimento?”. Ainda no mesmo contexto, a professora/pesquisadora chegou a usar a expressão “Divulgação Pública da Ciência” se referindo a um tipo de conceito híbrido, uma espécie de meio do caminho entre o que entendemos como História Pública e o campo da Divulgação Científica. MENEGUELLO chamou atenção ainda para pichações que encontrou nas paredes do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, local onde ministra aulas há vários anos, nas quais se encontravam questionamentos acerca do alcance e do impacto social do conhecimento acadêmico produzido na universidade, uma das pichações dizia: “Se sua arte não chega na favela, sua arte é piada pra mim”. “Se sua militância não tá na quebrada, sua militância é piada pra mim”. Como podemos perceber,

diversas forças incidem sobre historiadores e professores de História exercendo pressão para que a produção e divulgação do conhecimento histórico rompa as fronteiras da academia e se posicione nos espaços públicos de discussão nos quais a sociedade e os públicos não especializados se encontram e de tal modo alcancem um universo cada vez maior de pessoas.

A busca por conteúdos de história tem se tornado cada vez maior entre o público não especializado, o que demonstra que há interesse da sociedade em conhecer e debater sobre história. O referido interesse tem impulsionado a produção editorial, audiovisual, museológica, dentre outras. Porém, nem sempre essa produção de conhecimento histórico tem seguido os rigores metodológicos da ciência histórica. Portanto, quando os historiadores não reivindicam seu espaço de atuação na esfera pública, quando não produzem conhecimento para circular em meios mais acessíveis aos leitores não especializados, como por exemplo os ambientes digitais, quando não adaptam sua linguagem para estimular a leitura de seus escritos, estão, em certa medida, negligenciando seu papel social e deixando um vácuo de atuação que, muitas vezes, é ocupado por um conhecimento construído com base em “achismos”, sem nenhum rigor metodológico e fortemente marcado por manipulações ideológicas. Outro aspecto que devemos observar é o fato de que no ambiente escolar nem sempre esse interesse acerca do conhecimento histórico, descrito acima, encontra ressonância e talvez essa dicotomia possa ser explicada por diversos aspectos que vão desde as metodologias utilizadas em sala de aula, que via de regra são centradas na figura do professor e em narrativas históricas distantes da realidade dos estudantes, passando pela falta de identificação dos discentes com os temas propostos pela historiografia escolar tradicional e pela distância entre as narrativas históricas escolares e as questões contemporâneas, até chegar na própria linguagem e ambiente utilizados para mediar a aprendizagem que, na maioria das vezes é a mesma e enfadonha sala de aula com carteiras enfileiradas, o livro didático e a lousa. Desse modo, os estudantes não se sentem desafiados a investigar, a descobrir por conta própria, não conhecem a metodologia da pesquisa em história, pouco entram em contatos com fontes primárias, não se sentem motivados a aprender e se limitam a reter e reproduzir informações.

Diante do exposto, consideramos ser fundamental levar para o universo escolar, para dentro das salas de aula da Educação Básica, a compreensão acerca da epistemologia da História, a teoria e metodologia da ciência histórica. O que propomos é a investigação, análise e reflexão acerca das narrativas históricas e de seus propósitos dentro da sociedade contemporânea, sobretudo identificando as narrativas que foram produzidas dentro dos paradigmas epistemológicos da ciência histórica e as distinguindo daquelas que foram construídas sem o mesmo rigor. Nesse sentido, pretendemos trabalhar junto aos estudantes da Educação Básica a compreensão teórica e metodológica da História enquanto ciência, a partir de práticas educativas inseridas na metodologia da Educação Histórica. Desejamos também, refletir acerca da atuação dos professores/historiadores nos ambientes digitais de produção e divulgação de conhecimento histórico, além de analisar os impactos da utilização das metodologias ativas e do uso das TDICs no processo mudança do nível de proficiência dos estudantes no que se refere ao pensamento histórico, da formação do repertório sociohistórico, e cultural, estruturado a partir de leituras não lineares, baseadas em caminhos pavimentados de modo autônomo e permeados por hiperlinks e hipertextos que contribuam para uma leitura crítica e reflexiva de mundo e para uma consequente construção de significados.

Portanto, entendemos que os espaços físicos das salas de aula e o curto tempo de duração das aulas previstas para a disciplina de História nos currículos escolares, não podem e nem devem ser limites a atuação dos professores/historiadores. Nesse sentido, professores/historiadores devem buscar meios para atingir seus públicos, qualificados ou não, discente ou público em geral, atuando por meio de plataformas analógicas e digitais que tenham sido, ou não, elaborados com finalidade educativa. Acreditamos que professores/historiadores devam produzir, divulgar e debater conhecimento histórico em ambientes que não foram criados originalmente para esse fim.

Porém, a questão não se encerra no modo como chegamos até os jovens, nem mesmo nas ferramentas, linguagens ou suportes utilizados para ensinar e divulgar conhecimento histórico, pois o cerne da questão talvez seja o modo como se ensina e como se aprende História, a forma como nos apropriamos do conhecimento histórico e como o utilizamos em nosso cotidiano como norte para nossas escolhas e posicionamentos.

Na Inglaterra dos anos 60/70 havia uma grande preocupação entre os historiadores/professores ante ao grande desinteresse dos estudantes em relação a História. Foi exatamente nesse contexto que alguns pesquisadores, dentre eles Peter Lee, que inspirados na educação matemática decidiram elaborar propostas didáticas que desafiassem cognitivamente os alunos e desse modo os mantivessem motivados a aprender, e desenvolver de modo progressivo um modo de pensar e compreender História, como afirma SCHMIDT (2018 p. 9).

Foi diante desse contexto que surgiu a Educação Histórica que, em breves palavras, é campo de pesquisa em História que se propõe a estudar as ideias relacionadas a formação do conhecimento histórico, bem como seus aspectos teórico-metodológicos, relacionados a própria epistemologia da ciência histórica, que possam ser utilizados como ferramentas no processo de ensino/aprendizagem. Portanto, as discussões propostas pela Educação Histórica estão relacionadas ao estudo da progressão, do avanço, da mudança do pensamento histórico, da existência de níveis de desenvolvimento, de competências, ou mesmo da existência de uma escala de proficiência na qual os educandos em maior nível refletem e pensam historicamente de modo mais sofisticado.

A Educação Histórica possibilita aos professores/pesquisadores investigar os processos de ensino e aprendizagem em História, inseridos em uma fundamentação teórico-metodológica da própria epistemologia da História e não apenas na fundamentada nas teorias da educação, pedagogia ou psicologia, como era costume hegemônico há bem poucos anos. A Educação Histórica articula a ciência histórica e às práticas de ensino de modo a desenvolver o pensamento histórico como ferramenta de mudança social através de uma profunda reflexão acerca da compreensão do passado e de sua relação com o presente promovendo o desenvolvimento de importantes competências cognitivas, tais como a evidência, a narrativa e a empatia, conceitos estruturantes no campo dos estudos da cognição histórica.

A base teórica do nosso trabalho está ancorada em três eixos , o da Cognição Histórica, onde encontramos teorias como a da Didática da História e da Educação Histórica, passando pelas relacionadas às TDICs e Humanidades Digitais, até chegar as concepções teóricas mais relacionadas às questões metodológicas e procedimentais, como por exemplo às Metodologias Ativas de ensino/aprendizagem e o Ensino Híbrido, cujas

principais características são exatamente a articulação das atividades a que nos propormos, marcadas pela alternância entre momentos de estudo *on-line* e *off-line*, atividades digitais e analógicas, encontros de orientação e debates presenciais e à distância, individuais e em grupo, utilização de ferramentas digitais e analógicas, pesquisa de campo e nos motores de busca online, leitura e análise de documentos fontes de modo individual e coletivo ,dentre outras.

Uma das grandes discussões acerca do ensino de história na contemporaneidade se relaciona a inserção de fontes, documentos históricos, no universo cotidianos das práticas de ensino/aprendizagem na sala de aula, como podemos perceber nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que destacam a necessidade de demonstrar aos estudantes a metodologia através da qual se produz conhecimento em história, o que nos leva diretamente a relação estabelecida entre o historiador e suas fontes, de todas as origens e tipologias, sejam elas escritas, orais, imagéticas, objetos da cultura material, entre outros, todas estão no cerne da metodologia da pesquisa em história.

Na transposição do conhecimento histórico para o nível médio, é de fundamental importância o desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas – e também do presente. Nesse exercício, deve-se levar em conta os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos, as motivações explícitas ou implícitas nessa produção e a especificidade das diferentes linguagens e suportes através dos quais se expressam. (...) Na perspectiva da educação geral e básica, enquanto etapa final da formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para a vida adulta e a inserção autônoma na sociedade, importa reconhecer o papel das competências de leitura e interpretação de textos como uma instrumentalização dos indivíduos, capacitando-os à compreensão do universo caótico de informações e deformações que se processam no cotidiano. Os alunos devem aprender, conforme nos lembra Pierre Vilar, a ler nas entrelinhas. E esta é a principal contribuição da História no nível médio. (BRASIL, 2006, p 22)

O trabalho com as fontes em sala de aula permite aos estudantes se inserirem como protagonistas no processo de ensino aprendizagem, uma vez que ao manipular as fontes e as utilizar como ponte entre ele e o conhecimento histórico, o estudante atua de modo consciente e ativo e não se posiciona apenas como mero expectador, simples audiências das aulas conferência, aulas expositivas nas quais o professor narra uma história pronta, acabada e hermética, a qual o estudante tem a responsabilidade de

assimilar como verdade sem ter instrumentos que o permitam refletir sobre, questionar, ressignificar e se apropriar criticamente daquele conhecimento.

No que concerne a formação de um pensamento histórico complexo, do desenvolvimento de um modo de pensar historicamente, de uma Consciência Histórica, trabalharemos a partir da concepção desenvolvida por LEE (2006) e que ele denominou de Literacia Histórica, uma espécie de letramento histórico desenvolvido a partir do processo educativo cotidiano das salas de aula da educação básica. Nessa perspectiva, as aulas vivenciadas por professores e estudantes, ao trabalharem com fontes históricas dentro da metodologia da Educação Histórica e da Aula Oficina, serão o que SCHMIDT (1998, p. 57) entende como “(...) momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento”. Ainda nesse sentido, SCHMIDT (1998) defende a utilização do método de produção do conhecimento histórico como método privilegiado de ensino, e que ela mesma define como um espaço de compartilhamento de significados, de experiências individuais e coletivas, de relação dos sujeitos com os diferentes saberes envolvidos na produção do saber escolar. Outra referência basilar para o nosso trabalho são os estudos de Rüsen (2001) acerca da formação do que ele chamou de Consciência Histórica. O trabalho de Jörn Rüsen contribuiu para a análise e reflexão sobre o ensino e aprendizagem da história e influenciou pesquisas no campo da Educação Histórica em Portugal, Inglaterra, Espanha, Canadá e Brasil.

Percebemos, empiricamente, uma série aprendizagens que a experiência vivenciada a partir das práticas de Educação Histórica, das Metodologias Ativas de Aprendizagem, da utilização das TDICs e das práticas de Ensino Híbrido, legou aos alunos. Podemos destacar alguns dessas “heranças” de aprendizagem oriundas das referidas práticas educativas, orientadas pelo arcabouço teórico que acabamos de mencionar.

Acerca dos legados da experiência com a ONHB, podemos destacar crescimento do número de horas dedicadas ao estudo de História. Em geral, reclamamos que a disciplina de História, enquanto disciplina escolar, tem uma baixa carga horária da

Educação Básica, na maioria dos casos, duas ou no máximo três horas por semana. Então, caso tomemos como verdade que nossos alunos fazem as tarefas e atividades que propomos para casa, talvez essa carga horária semanal dedicada a aprendizagem histórica possa ser ampliada em mais duas ou três horas, isso sendo muito otimista. Porém, se analisarmos a experiência dos alunos que participam da ONHB, e somarmos o tempo necessário para a leitura das questões e fontes documentais a elas relacionadas, com o tempo necessário para as pesquisas e debates realizados de modo híbrido, parte presencialmente na escola e parte por meio dos ambientes digitais de aprendizagem, feitos ou não com propósito educacional, como por exemplo o *WhatsApp*, adicionando ainda o tempo necessário para a realização das tarefas, poderemos facilmente constatar que ocorre um salto vertiginoso no número de horas dedicadas ao estudo de História. Não é difícil comprovar essa afirmação, dados do próprio ambiente digital de aprendizagem oficial da olimpíada apontam para o enorme número de horas que os estudantes passam *logados* nas salas virtuais das equipes situada no portal da própria ONHB. Outro modo de verificar é através de observação participante, pois o professor está presente física ou virtualmente em grande parte desses momentos de estudo. Outra experiência que identificamos como bastante significativa é o contato com fontes históricas de diversas origens e tipologias, tais como: textos de diversas tipos (manuscritos, jornalísticos, publicitários, acadêmicos, letras de música, literatura, etc), imagens de todos os tipos: (desenhos, pinturas, fotografias, trechos de filmes, dentre outros), objetos da cultura material: (objetos de uso cotidiano, obras de arte, dentre outros). Todos esses ricos vestígios da vida humana em sociedade ao longo do tempo e de suas relações sociais são originários das mais diversas regiões do país e estão relacionadas a múltiplas temáticas, desde as mais clássicas, chegando a temas de vanguarda na historiografia. Como podemos perceber, a possibilidade de lidar com esse rico e diverso acervo documental, nos serve, dentre outras coisas, para que os estudantes compreendam que tudo é fonte histórica como afirma BLOCH (2001, p.79.) “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. Além da ampliação da noção do que é fonte histórica, os estudantes começam a refletir acerca do papel das fontes no processo de elaboração do conhecimento histórico e aos poucos compreendem que elas não falam por si próprias, que as fontes

precisam ser selecionadas, lidas, analisadas, questionadas, confrontadas e acima de tudo problematizadas. Compreendem ainda que as fontes sozinhas não são nada sem as perguntas que lançamos sobre elas, sem as problematizações não há história, o que os permite compreender o importante papel do historiador no processo de investigação do passado a luz das questões do presente. Em última instância, podemos mencionar a divulgação pública de produção acadêmica, artigos, dissertações e teses, através da disponibilização dos textos como fonte de suporte para a resolução das questões ou realização das tarefas. Destacamos ainda, o desenvolvimento de um processo de Letramento Histórico Digital¹ e de iniciação científica, sobretudo a partir da rica experiência de produção de narrativas históricas no ambiente escolar. Consideramos que a referida atividade suscite nos envolvidos uma reflexão sobre o modo como o conhecimento histórico é produzido, destaca seu caráter dinâmico e transitório, aguça o olhar crítico e reflexivo sobre temáticas de grande relevância social, mas ainda pouco presentes na educação formal, promove reflexões acerca das categorias e conceitos estruturantes da História enquanto ciência, estimula o desenvolvimento da habilidade leitora no que concerne a percepção das sutilezas e implícitos contidos em textos verbais e não verbais, estimula o engajamento espontâneo e verdadeiro por meio de desafios cognitivos estimulantes, contribui para o desenvolvimento de um repertório sociohistórico e cultural, extremamente importante como instrumento de leitura de mundo.

Nos aspectos mais relacionados às questões digitais, gostaríamos de destacar o aprimoramento da utilização dos motores de busca na *web*, através da utilização de palavras-chave, da criação de *Google Alerts*, ferramenta com a qual podemos criar aletas para a publicação na rede de algum tipo de informação ou conteúdo, a descoberta *Google Scholar*, ou *Google Acadêmico*, ferramenta que permite pesquisas mais focadas na produção científica, produzida com o critério e o rigor acadêmico, minorando as chances de manuseio de conteúdo falso, ou baseado em mera especulação, o que popularmente chamamos de ‘achismo’. Na mesma esteira de triagem de conteúdo, está também o *YouTube Edu*, ambiente digital inserido na maior plataforma mundial de

¹ Conceito híbrido formulado por SILVA (2019) a partir da apropriação dos conceitos de Literacia Histórica (BARCA, 2006) e Letramento Digital (BRAGA, 2007).

compartilhamento de vídeos, mas cujo foco específico está em vídeos educacionais. Diversas outras aplicações, criadas ou não para fins educacionais são apropriadas pelos estudantes como ferramentas de suporte à pesquisa e/ou aos debates realizados por ocasião da realização das atividades, aplicações como *Hangouts* que consiste em uma plataforma multimídia de comunicação que inclui mensagens instantâneas, chat de vídeo, SMS e VOIP, embora esse último recurso tenha sido praticamente engolido nos últimos anos pelo WhastApp, Aplicativo através do qual estudantes e professores podem partilhar desde mensagens instantâneas de texto, passando por áudios gravados, por chamadas de áudio e vídeo, pela realização de vídeo conferências, chegando até ao compartilhamento de arquivos dos mais diversos formatos, textos, vídeos, imagens, dentre outros. O debate e a aprendizagem colaborativa é a tônica dos ambientes digitais de estudo. A produção das narrativas históricas a várias mãos, ou seja, a escrita dos textos com coautoria dentre alunos e professor orientador, é também uma experiência que fora bastante potencializada pelas ferramentas digitais como por exemplo o *Google Docs*, através do qual podemos escrever em modo online e os demais usuários autorizados, os coautores, podem inserir comentários, fazer alterações, propor inserções e retiradas de trechos, dentre outras possibilidades. As próprias redes sociais, que sempre aparecem como grandes vilãs por “roubarem” o precioso tempo dos jovens e, quase sempre, em atividades de pouca produtividade intelectual, podem e devem ser apropriadas para fins educacionais. Nossa experiência nos mostrou que os alunos se apropriaram das redes sociais para aprender e para atuar no lugar no qual se inserem socialmente, através de usos que vão do mais simples, pois estão dentro da funcionalidade para qual a ferramenta foi pensada, que é interagir com outras pessoas, passando pela a criação e publicação de conteúdo sociocultural engajado, chegando a utilização dos perfis como ambiente de ciberativismo. Nossos alunos estabeleceram contatos via rede social com diversos pesquisadores, autores de livros, responsáveis por instituições de memória e patrimônio, indivíduos com vinculações com processos históricos que estávamos estudando e, a partir dessas interações puderam tirar dúvidas, coletar indicações de importantes referências bibliográficas para as pesquisas, receber novas fontes, dentre outras formas de interação oportunizadas pelas TDICs.

No que se refere as questões atitudinais, podemos destacar o desenvolvimento da habilidade de trabalhar em equipe e de negociar pontos de vista divergentes, o estímulo ao desenvolvimento de habilidades de argumentação e do debate de ideias baseada em uma lógica argumentativa, bem como o respeito a pluralidade de ideias, crenças, costumes como fomento a convivência cidadã, minimizando os conflitos provocados pelas inúmeras diferenças de diversas ordens. Acerca do que chamamos de Iniciação Científica, a experiência com as tarefas da ONHB legou aos alunos conhecimentos relacionados às convenções da escrita acadêmica, a necessidade de referenciar corretamente tudo o que for escrito, as regras de citação de autoria, o contato com a estrutura e as demais características das produções científicas tais com ensaios, artigos, dissertações e teses. A experiência em questão permite aos estudantes da Educação Básica um contato precoce com o universo acadêmico e científico, contribuindo assim para uma espécie de letramento científico que será bastante útil por ocasião da sua chegada desses estudantes nos cursos de ensino superior.

Não obstante o aspecto competitivo e de alto rendimento inerente a esse tipo de atividade educativa, conseguimos identificar uma série de outras possibilidades e potencialidade educacionais no bojo dessas atividades olímpicas, em especial na ONHB. Por se tratar de uma olimpíada realizada em equipe e sob supervisão de um professor orientador, a ONHB não exige um determinado nível de conhecimento prévio de seus participantes. Em outras palavras, a ONHB não está preocupada em premiar os que já “sabem muita História” mas sim, em fomentar a pesquisa e o desenvolvimento de um pensar histórico, o que Jörn Rüsen (2010) definiu como Consciência Histórica.

Portanto, nosso foco tem sido investigar, discutir e avaliar, a partir da experiência como professores orientadores e estudantes olímpicos, que participaram de uma ou mais edições da ONHB, e da análise das atividades propostas, questões e tarefas, as potencialidades de exploração ONHB como ambiente digital de aprendizagem, experiência educacional fundamentada na Educação Histórica, espaço de formação docente e de divulgação de conhecimento histórico.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Rovai, Marta Gouveia de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- _____; Meneses, Sônia (org.) **História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ALVES, Daniel, **As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português**, *Ler História*, 69 | 2016, 91-103.
- BARCA, Isabel. **Consciência histórica – teoria e práticas: as mensagens nucleares das narrativas dos jovens portugueses**. Revista de Estudos Curriculares, Braga, v.4, n. 2, p. 195-208, 2007.
- _____, Isabel. **Aula Oficina: do projecto à avaliação**. _____ (Org.) Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004, p.131-144.
- _____, Isabel. **Educação histórica: vontades de mudança**. Educar em Revista, Curitiba, n. 42, p. 59-71, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília, MEC, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acessado em 22 de julho de 2019.
- _____, **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2019. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> acessado em 21 de junho de 2019.
- CAINELLI e BARCA, 2018. **A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado**. *Educ. Pesqui.* vol.44 São Paulo 2018 Epub 05-Mar-2018
- COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Currículo, História e Tecnologia: que articulação na formação inicial de professores**. 2015. Dissertação de Mestrado (Educação). UFRJ: Rio de Janeiro.
- DICKINSON, A. K.; LEE, P. J.; ROGERS, P. J. (Ed.). Learning History. London: Heinemann Educational Books, 1984. p. 39-84.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.
- LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org.) **Jornadas Internacionais de Educação Histórica, I**. 2000. Portugal Atas: Perspectivas em Educação Histórica. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2001.
- _____, Peter, (2016). **Literacia histórica e história transformativa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n60/1984-0411-er-60-00107.pdf>> acessado em 17 de junho de 2019
- _____, Peter. **Por que aprender História?**. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 42, p. 19-42, dez. 2011.
- LUCCHESI, Anita. **Digital history e storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)**. 2014. Dissertação de Mestrado (História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MALERBA, Jurandir. **Teoria e história da historiografia**. In: _____ (org.) **A história escrita**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____, Jurandir. **Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital**. Revista Brasileira de História, v. 37, n. 74, 2017.
- MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.
- MENEGUELLO, Cristina; Moura, E. ; NETO, José Alves Freitas; SCHIAVINATTO, I. L.. **A divulgação científica em ciências humanas - um campo em expansão**. 2009.
- _____, Cristina. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual?** *História Hoje*, v.5, n.14, p.1-14, 2011. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=14>. Acesso em: 17

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

set. 2016.

OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB). Disponível em:
<<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>>.